

APRESENTAÇÃO

“onde o fácil é teu álibi o difícil é meu risco”

O fragmento do verso de *Galáxias*, de Haroldo de Campos, que dá título a esta apresentação da **Revista Olho d'água**, v. 8., n. 1, 2016 traduz não apenas os trabalhos que enformam o *Dossiê* dedicado ao poeta, mas também os trabalhos que constituem as demais seções (*Varia*; *Resenha*). Nos artigos que se seguem, o leitor encontrará reflexões realizadas com seriedade e rigor, capazes, pois, de contribuir significativamente para a fortuna crítica de seus objetos de estudo.

A seção *Varia* conta com quatro artigos, a saber:

Em “A expressão do romance em *Senhora*, de José de Alencar”, Loide Nascimento de Souza analisa o grande romance romântico brasileiro com base em Ian Watt e Mikhail Bakhtin, destacando as características do gênero e identificando, com base no conceito de “realismo formal” (WATT), traços que permitem a Alencar estabelecer uma representação realista da sociedade fluminense do séc. XIX.

Em “*Jango Jorge: o Contrabandista* de João Simões Lopes Neto pelas lentes do diretor Henrique de Freitas Lima”, João Luís Pereira Ourique e Carlos Alberto Ossanes realizam uma análise comparativa intersemiótica do conto “Contrabandista” e de sua versão cinematográfica, demonstrando que a transposição de uma obra literária para a narrativa fílmica não pode prender-se a um ideal de adaptação concebida como cópia ou transposição “fiel”. Neste sentido, argumentam, com propriedade, em defesa de que a versão cinematográfica de uma obra literária deva, necessariamente, ser capaz de responder às demandas semióticas próprias de seu campo linguístico/sígnico.

Análise comparativa é o que também constitui o artigo “Corpo, Poder e Subjetividade: uma leitura de *Chuva imóvel*, de Campos de Carvalho, e de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar”, de André Luiz Gomes de Jesus e Josiane Gonzaga de Oliveira. Identificando o desejo incestuoso como eixo comum que anima os conflitos dramáticos dos romances *Chuva imóvel* e *Lavoura arcaica* e que afeta suas respectivas composições formais, os autores discutem as relações entre poder, corpo e subjetividade e demonstram que os protagonistas de ambos os romances realizam uma crítica contundente à estrutura opressiva da família patriarcal.

Já Agnes Danielle Rissardo, em “Eterno estrangeiro: Bernardo Carvalho e as cidades deslocadas”, explora os conflitos existentes entre a cidade escrita e a cidade real nos romances *Mongólia*, *O filho da mãe* e *O sol se põe em São Paulo*, demonstrando como, em tais romances, o confronto entre a paisagem citadina adversa e os narradores isolados contribui para uma *estrangeiridade* constitutiva, digamos assim, da condição humana de protagonistas permanentemente deslocados, expatriados, exilados.

Organizada pela Prof^a Dr^a Susanna Busato, a Seção *Dossiê* conta com quatro estudos dedicados à obra de Haroldo de Campos.

Luiz Costa Lima destaca a rara singularidade de *inventor* do poeta, tradutor e ensaísta em “Haroldo de Campos: o processo metamórfico”, sublinhando o seu olhar arguto para com as *luminescências* da linguagem. Com base na demonstração daquilo que o poeta extraiu do conto “Meu tio o Iauaretê”, de Guimarães Rosa – Costa Lima define o trabalho de Haroldo como uma mimesis da produção enformada por um processo metamórfico.

Kenneth David Jackson, em “Lira Chinesa: a recepção da poesia clássica chinesa no Brasil” aborda traduções da poesia chinesa clássica realizadas por Machado de Assis e Haroldo de Campos. Machado construiu a “Lira Chinesa” com base em traduções livres ao francês de Judith Gautier; Haroldo, com base na semiótica, em Ernest Fenollosa e em Ezra Pound, traduziu textos poéticos chineses em *Escrito sobre Jade*. Nos dois casos, David Jackson destaca o fascínio dos autores brasileiros pelos temas e linguagem dos poetas clássicos chineses, demonstrando sua dedicação à tradução de traduções.

Claudio Alexandre de Barros Teixeira, em “A mitopoética transbarroca de Haroldo de Campos” identifica, no livro *Auto do possesso*, publicado em 1949, a presença antecipadora de procedimentos e temas poéticos posteriormente desenvolvidos pelo programa da Poesia Concreta: a escrita labiríntica, a combinatória aberta de palavras e linhas e seu efeito de ampliação dos planos de significação, a mescla de referências de diferentes tradições e mitologias. Tudo isto, demonstra o autor, constitui uma estética neobarroca característica da poética de Haroldo de Campos.

Por fim, Gustavo Scudeller, em “Para um esboço de escuta: ‘nenhum-homem / (quicá cada um de / nós?)’, entre o épico e a política em Haroldo de Campos” estuda a presença das questões “O que é um homem? O que ainda pode ser dito sobre ele, depois das várias crises e transformações tecnológicas dos séculos XIX e XX?” na poesia de Haroldo de Campos, analisando como tais tópicos operam nos poemas e demonstrando que, neles, a amizade e o afeto constituem-se em importantes valores.

Concluindo este número da **Revista Olho d’água**, João Luís Pereira Ourique nos oferece, em “Entre a fumaça e a névoa”, uma resenha do livro *Entre el humo y la niebla – Guerra y cultura em America Latina*, organizado por Felipe Martínez-Pinzón e Javier Uriarte. Publicado em 2016, o livro aborda, de perspectivas diversas, as relações entre a produção literária e vários conflitos bélicos presentes na história da América Latina. Trata-se de assunto de grande importância tanto para a compreensão diacrônica de tais relações, que variam da apologia à crítica da ideologia belicista em suas relações com os conceitos de pátria e nação, quanto para a reflexão sincrônica que demanda um olhar crítico para os atuais cenários conflitivos latinoamericanos passíveis de se converterem em cenários de guerra.

Agradecemos a todos os que tornaram possível a produção e a publicação de mais este número da **Olho d’água**, e desejamos a todos uma leitura proveitosa.

Arnaldo Franco Junior e Susanna Busato